

Data: 26.10.2013

Título: Interior vai perder um terço dos habitantes até 2040

Pub:

Expresso

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;22


clipping
consultores

Interior vai perder um terço dos habitantes até 2040

P22

Área: 1018cm² / 39%

FOTO Titagem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 4652269



DEMOGRAFIA

Interior do país terá menos um terço da população em 2040



Especialistas consideram erradas as políticas seguidas nos últimos anos para o interior do país
FOTO: RUI DUARTE SILVA

Trás-os-Montes e Beiras correm o **risco de ficarem desertos**, caso não se altere a natalidade. Em 2100, podem perder mais de 75% da população, quase meio milhão

HUGO FRANCO

Donfins do Jarmelo é uma terra demasiado pequena para vir assinalada no mapa. Junto à fronteira, perto da Guarda, conta com menos de 20 habitantes, todos com mais de 70 anos. “Não tem um café, nem qualquer outro estabelecimento comercial”, descreve Rui Miragaia, escultor de ferro, de 36 anos, que cresceu na aldeia mas foi obrigado a migrar para Lisboa para poder ter trabalho. Vive em Cascais, tem dois filhos, uma vida estável mas nunca pôs de parte a hipótese de voltar. “Daqui a trinta anos não haverá ali ninguém. Só casas. Vai

perder-se toda a cultura da terra. E isso faz-me confusão”.

Donfins do Jarmelo não será a única aldeia do interior do país a desaparecer nos próximos anos. Um estudo demográfico a que o Expresso teve acesso, e que é divulgado hoje no Fundão, revela que a manter-se a tendência atual da evolução do índice de fecundidade e não havendo migrações, cinco regiões do interior norte do país (Beiras e Trás-os-Montes) terão, em 2100, menos de 75% da população em relação a 2011. O que equivale a um decréscimo de 463 mil pessoas. E já

em 2040, perderão cerca de um terço dos habitantes (menos 157 mil do que em 2011).

“Estas regiões estão entre as piores da Europa em termos de declínio demográfico. Ao contrário do que geralmente se pensa, o Alentejo perderá menos população do que o interior norte até 2040”, avisa Eduardo Castro, professor da Universidade de Aveiro e coordenador deste projeto, denominado DEMOSPIN.

Segundo o estudo, o pior exemplo é o do Pinhal Interior Sul (engloba Oleiros, Vila de Rei, Sertã e Proença-a-Nova), que em 1950 tinha 90 mil habitantes; em 2010, o número desceu para os 40 mil (essencialmente devido ao fluxo migratório para as cidades e estrangeiro, fenómeno que estancou a partir de 1990) e, em 2040, terá 26 mil habitantes. “Isto porque se morre nesta região e não há quem nasça. É por isso que as medidas políticas para os casais que ali residam terem

Área: 1018cm² / 39%

Tiragem: 123.400 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4652269

mais filhos não surtem efeito: não há quase ninguém com idade para ter filhos”, alerta o especialista. “Mais grave é a redução brutal de jovens nesta região: os menores de 20 anos passarão de 6000 para 3500 em 2040”.

Os responsáveis referem que o principal objetivo do estudo — que envolveu as Universidades de Aveiro, Coimbra e Beira Interior e os Institutos Politécnicos de Castelo Branco e Leiria — é o de alertar as autoridades para que “desenvolvam políticas sérias” de modo a atrair pessoas para o interior. “Consideramos erradas medidas como a do encerramento de escolas e hospitais e a das portagens nas estradas”, defende Eduardo Castro.

Grande negócio para agências funerárias

O economista João Duque, do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), não esteve envolvido no projeto, mas também não tem dúvidas de que as consequências de uma diminuição drástica da população no interior, e seu envelhecimento, “serão muito graves economicamente” e vão gerar mais custos ao Estado, que terá de deixar grandes estruturas abertas — como hospitais e estradas — “mesmo que sejam usadas só por uma pessoa”. Como consequência, prevê “choques sociais” de habitantes do litoral que não vão querer contribuir com os seus impostos para manter abertas essas “infraestruturas caras e destinadas a poucas pessoas”.

A concretizar-se o cenário demográfico previsto no estudo, o economista acredita que “estas zonas serão um grande negócio para as agências funerárias mas um péssimo negócio para as ma-

ternidades ou lojas de roupa”, levando a uma alteração radical dos serviços. É o que já acontece por exemplo em Donfins do Jarmelo, em 2013. Aos 70 anos, a mãe de Rui Miragaia tornou-se assistente familiar de idosos. “É a profissão que mais sentido faz numa aldeia tão envelhecida”, conta o escultor.

Ainda segundo João Duque, o Governo pode resolver muitos dos problemas demográficos, colocando no interior “serviços altamente especializados, como um hospital de referência ou uma excelente escola de engenharia, pagando o dobro para os que forem para aí trabalhar”.

O geógrafo Jorge Malheiros, da Universidade de Lisboa também não se mostra “nada otimista” sobre o futuro em Trás-os-Montes ou nas Beiras. “As atuais políticas que não estimulam a natalidade nem a migração para o interior não serão alteradas tão cedo”. E salienta que os cortes na despesa afetam os mais idosos, os funcionários públicos ou os que trabalham na construção civil. “E esses encontram-se sobretudo no interior”.

Foi a falência do pequeno negócio de construção, em 2004, que levou a família de Leontina Pinige, de 44 anos, a rumar para o oeste de França. “De lá para cá tudo se tornou mais fácil para nós”, confia a ex-operária de uma fábrica de têxteis da Covilhã. A família tão cedo não irá regressar, até porque a emigrante arranhou facilmente trabalho a fazer limpezas e ganha três vezes mais do que na fábrica, que faliu este verão. “Não há volta a dar. Não há emprego no interior”, resume.

hfranco@expresso.imprensa.pt

NÚMEROS

5

regiões do país mais afetadas pela baixa natalidade: Pinhal Interior Sul (Oleiros, Vila de Rei, Sertã e Proença-a-Nova); Beira Interior Norte (Guarda, Pinhel); Alto Trás-os-Montes (Bragança); Douro (Vila Real, Lamego) e Serra da Estrela (Gouveia, Seia, Manteigas)

35%

é a percentagem de habitantes que a zona do Pinhal Interior Sul vai perder até 2040, se não houver mudanças da taxa de natalidade e dos fluxos migratórios

3

anos foi o tempo para conceber o Projeto DEMOSPIN (financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia) que desenvolveu um modelo que, de acordo com diversos cenários de evolução, “prevê o crescimento económico e do emprego das diversas regiões até 2030 e, em função destes, os fluxos migratórios das regiões que garantem o equilíbrio entre população ativa e emprego”

